

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNA
CURSO DE PSICOLOGIA

GABRIELA SOPHIA RODRIGUES ROCHA
JULIANE SOARES SANGUINETE

**A BUSCA INCESSANTE PELA FELICIDADE POR MEIO DAS REDES SOCIAIS E
O IMPACTO NA SUBJETIVIDADE DO SUJEITO PÓS-MODERNO**

BELO HORIZONTE
2021

GABRIELA SOPHIA RODRIGUES ROCHA
JULIANE SOARES SANGUINETE

**A BUSCA INCESSANTE PELA FELICIDADE POR MEIO DAS REDES SOCIAIS E
O IMPACTO NA SUBJETIVIDADE DO SUJEITO PÓS-MODERNO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como
requisito de avaliação para a obtenção do título de
Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário
Una.

Orientador: Prof. Mestre Túlio Louchard Picinini
Teixeira

BELO HORIZONTE
2021

GABRIELA SOPHIA RODRIGUES ROCHA
JULIANE SOARES SANGUINETE

**A BUSCA INCESSANTE PELA FELICIDADE POR MEIO DAS REDES SOCIAIS E
O IMPACTO NA SUBJETIVIDADE DO SUJEITO PÓS-MODERNO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como
requisito de avaliação para a obtenção do título de
Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário
Una.

Orientador:

Prof. Me. Túlio Louchard Picinini Teixeira
Centro Universitário UNA

Membro da banca:

Profª. Me. Camila Fardin Grasseli
Centro Universitário UNA

Belo Horizonte, 28 de Junho de 2021.

AGRADECIMENTOS

Eu, Gabriela, agradeço à minha família por sempre ter me apoiado, principalmente minha tia Cleide, minha mãe Cleomar e meus irmãos, Duda e Henrique. Agradeço ao professor e orientador Túlio Louchard, muito presente e dedicado em auxiliar na construção deste trabalho. Deixo meu agradecimento à minha amiga e dupla neste trabalho, Juliane, que em muitos momentos me ajudou a continuar essa caminhada, sempre compreensiva e parceira! Também agradeço a mim, por ter chegado até aqui, mesmo com muitas lutas, medos e dificuldades, consegui chegar até o final do curso que eu tanto amo. Obrigada a todos e todas que fizeram e fazem parte dessa eterna caminhada de aprendizado.

Eu, Juliane, faço aqui os meus sinceros agradecimentos à minha mãe, Vanda Marcia, mulher forte e sábia, que, com suas doses de amor e incentivo diário, mesmo que à distância, tornou possível a germinação de autoconfiança, sentimento esse que viabilizou o alcance desse sonho. Agradeço ao professor e orientador Túlio Louchard, que foi bastante zeloso e criterioso, o que fez total diferença na construção deste trabalho. Deixo aqui os meus agradecimentos também ao meu namorado Gabriel, que se fez presente amando e cuidando, além de ter me acolhido nas mais diversas necessidades. Gostaria de estender esse agradecimento aos meus irmãos, em especial à minha irmã Raiany, por ter se colocado próxima e se mantido à disposição. À Gabriela Sophia, minha amiga e companheira, formamos um dueto sinérgico e afetuoso, que proporcionou a construção de um trabalho para a vida. Às professoras e professores que compartilharam suas vivências e contribuíram durante todo o meu processo de graduação.

*“Que a vida seja tão bela quanto as fotos que eu postei
E que toda essa mentira acabe de vez
Que eu quero poder contar o que a vida me fez
Forte mesmo é quem assume a sua liquidez”*

(SMITH, Kell. *Vulnerável*. Rio de Janeiro: Na Moral Produções, 2020.)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como proposta analisar como o excesso de promessa de felicidade, amplamente ofertado através das redes sociais, pode impactar na subjetividade do sujeito pós-moderno. Busca-se trazer à tona um pensamento crítico sobre o avanço da tecnologia e suas implicações. Através das informações coletadas, procurou-se elucidar e conscientizar a sociedade sobre os riscos e possibilidades de alterações psíquicas causadas pelo excesso de busca da felicidade, chamando atenção para fatores que possuem relação entre o consumo dos produtos tecnológicos ofertados atualmente e o suposto encontro com o objeto que promete a felicidade. Para tanto, buscou-se identificar os conceitos de felicidade de acordo com o viés psicanalítico, filosófico e sociológico, indicando as ofertas tecnológicas das redes sociais com a promessa de alcance da felicidade. Além disso, foram analisados os fatores que influenciam a busca do sujeito pela constante felicidade e as suas consequências, considerando a psique humana.

Palavras-chave: Felicidade; Tecnologias; Psicanálise; Filosofia: Mal-estar.

ABSTRACT

This course conclusion work aims to analyze how the excess of promise of happiness, widely offered through social medias, can impact on the subjectivity of the postmodern subject. And to bring up critical thinking about the advancement of technology and its implications. Through this collected information, it was sought to elucidate and make society aware of the risks and possibilities of psychic alterations caused by the excessive search for happiness. Drawing attention to factors that have a relationship between the consumption of technological products currently offered and the supposed encounter with the object that promises happiness. To this end, we sought to identify which are the concepts of happiness according to the psychoanalytic, philosophical and sociological bias, indicating the technological offers with the promise of reaching happiness. In addition, the factors that influence the subject's search for constant happiness and its consequences were analyzed, considering the human psyche.

Keywords: Happiness; Technologies; Psychoanalysis; Philosophy; Malaise.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
OBJETIVOS	9
METODOLOGIA	9
1. CONCEITOS DA FELICIDADE	10
1.1. CONCEITO DE FELICIDADE DE ACORDO COM A FILOSOFIA	10
1.2. CONCEITO DE FELICIDADE DE ACORDO COM A SOCIOLOGIA	11
1.3. CONCEITO DE FELICIDADE DE ACORDO COM A PSICANÁLISE	12
2. REDES SOCIAIS RELACIONADAS À BUSCA PELA FELICIDADE	14
3. FATORES QUE INFLUENCIAM NA BUSCA PELA FELICIDADE ATRAVÉS DAS REDES SOCIAIS	16
4. CONSEQUÊNCIAS ASSOCIADAS À INCESSANTE BUSCA PELA FELICIDADE	17
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	21

INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é contextualizar a exacerbada busca do sujeito pela felicidade através das redes sociais, analisar o que motiva tal comportamento e suas consequências na psique considerando o ponto de vista da Psicanálise, além da contribuição de outras ciências tecnológicas, filosóficas e sociológicas.

Tendo em vista o aumento das variadas plataformas tecnológicas e seu impacto social, nos debruçamos a analisar quais as consequências psicológicas e os agravantes da frustração de não obter essa felicidade efêmera, tão difundida por meio das redes.

Com o advento da globalização, que teve seu início no final do século XX, vieram novas formas de pensar o mundo. Esse avanço da civilização proporcionou ao ser humano um mundo mais dinâmico e instantâneo, com relações rápidas e líquidas.

Para Bauman (1999), a indústria atual funciona cada vez mais para a produção de atrações e tentações. Considerando tal informação, identifica-se que os produtos são comercializados para atender a idealização de quem os consome através de propagandas e anúncios publicitários. Os objetos passaram de uma natureza material para imaterial, adquirindo assim outro significado, carregado da expectativa de obtenção de prazer, chamando atenção para fatores que possuem relação entre o consumo dos produtos tecnológicos ofertados atualmente e o suposto encontro com o objeto que promete a felicidade.

Portanto, a partir do embasamento psicanalítico, compreendemos a importância de discutir qual é o sentido da busca de felicidade de forma contínua, o que essa busca incessante pode acarretar na subjetividade do sujeito, suas implicações e o embate desse sujeito com a falta estrutural que provém de ser humano.

Essa incessante busca pela felicidade é uma expressão da tentativa de sair do lugar comum de infelicidade. Como dito em “Mal-estar na civilização”, por Freud (1930), as possibilidades de felicidade são sempre restritas, no entanto a infelicidade é um mal comum. Freud (1930) postula três formas de sofrimento, são elas: sofrimento do nosso próprio corpo, do mundo externo e do relacionamento com outros homens. Neste último, há a ênfase de que esse sofrimento talvez seja para o ser humano o mais doloroso e difícil de lidar. Com essas formas de sofrimento, o sujeito aprende a mediar suas formas de felicidade e também as formas de busca pelo prazer.

Bauman (2004), em seu livro “Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos”, questiona o que o indivíduo deseja: a estabilidade de um relacionamento que

supostamente lhe oferecerá abrigo, segurança e proteção contra os problemas do mundo ou a possibilidade de tentar um número indefinido de possibilidades, sem que isso implique perda ou sofrimento para o eu. Questiona também se mais vale a capacidade de manter uma relação com o outro ou ser capaz de rompê-la sem prejuízo. Ainda segundo Bauman (2004), entende-se o conceito de “relações de bolso” como característica de algo breve, curto, que está sempre disponível, mas nunca em sua completude. As relações sociais de forma virtual surgem como uma mercadoria, como um princípio da busca incessante pela felicidade completa.

Considerando todos os fatos levantados anteriormente, serão discutidas durante o desenvolvimento deste trabalho as consequências da busca incessante pela felicidade na subjetividade do sujeito, bem como a forma do ser humano de lidar com os meios de obtenção do prazer e sua frustração quando ele não é alcançado.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Analisar como o excesso de promessa de felicidade, amplamente ofertada através das tecnologias, pode impactar na subjetividade do sujeito pós-moderno.

Objetivos específicos

- Identificar, brevemente, os conceitos de felicidade de acordo com o viés sociológico, filosófico, histórico e psicanalítico, utilizando autores como Leandro Karnal, Mário S. Cortella, Luiz F. Pondé, Frédéric Lenoir, Sigmund Freud, Zygmunt Bauman, Christian Dunker, dentre outros.
- Identificar como as redes sociais produzem a promessa de alcance da felicidade;
- Analisar fatores que influenciam a busca do sujeito pela constante felicidade, considerando a psique humana;
- Discutir as consequências associadas à incessante busca da felicidade na subjetividade do sujeito.

METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, foi feito um levantamento bibliográfico acerca dos temas modernidade, mal-estar na contemporaneidade, liquidez nas relações e felicidade instantânea, tomando como referência os clássicos “O mal-estar na cultura”, de Sigmund

Freud (1930), “Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos”, de Zygmunt Bauman (2004), e “Tempos hipermodernos”, de Lipovetsky (2004).

O material bibliográfico aqui apresentado foi obtido a partir da pesquisa nas principais plataformas científicas – Scielo, Google Acadêmico, PePSIC – com base nas seguintes palavras-chave: felicidade, ciberespaço, mal-estar, virtualidade, psicanálise e contemporaneidade.

Por fim, foi feita análise de dados estatísticos do uso crescente da *Internet*, celular e redes sociais ao longo dos anos através de banco de dados da ONU, Anatel, TIC Domicílios e CETIC. Tais informações servirão para medição comparativa de dados antigos e dados atuais, possibilitando visualizar o crescimento exponencial das mesmas e a relação pela busca incessante do sujeito pela felicidade.

1. CONCEITOS DA FELICIDADE

O intuito da busca pelo conceito de felicidade não é localizar bibliograficamente um único significado, pois, dada a amplitude de estudos e pensamentos a respeito desta, torna-se inviável ou até mesmo inconcebível conceituar a palavra em apenas uma esfera de pensamento.

Lenoir (2016), ao pensar sobre a felicidade, apresenta um pequeno conto em que autores como Freud, Kant e Schopenhauer trazem a concepção pessimista de que a felicidade total e duradoura é improvável. Em contraposição a este pensamento, sábios pensadores do oriente dizem que felicidade pode ser provável, desde que não tentemos adaptar o mundo em virtude dos nossos desejos.

Portanto, faz-se fundamental considerar o arcabouço teórico acerca do que é a felicidade com o intuito de proporcionar reflexões das perspectivas e ideias que envolvem o pensar sobre esse fenômeno. Nessa primeira aproximação, serão apresentadas as perspectivas de felicidade nos campos filosóficos, sociológicos e psicanalíticos.

1.1. CONCEITO DE FELICIDADE DE ACORDO COM A FILOSOFIA

De acordo com a definição de felicidade contida no “Dicionário de Filosofia”, de Abbagnano (1963), o termo provém do latim *felicitas*, que significa “fértil, frutuoso, fecundo”. Felicidade pode ser definida como um estado de fecundidade que gera vida e vitaliza nossa existência (ABBAGNANO, 1963).

Muito discutida entre filósofos(as), a felicidade tem diversos conceitos e infinitas propostas, tais como a crença de que ela vem da conexão com deuses, da prática da filosofia, do saber viver de forma que alimente o corpo e o espírito, saber dosar a satisfação dos desejos ao ponto de não se prejudicar com suas consequências, entre outras propostas (EPICURO, 2002).

Frédéric Lenoir (2016), cita Aristóteles e nos traz uma boa reflexão sobre cuidar do corpo e alimentar as necessidades básicas, alcançando assim a felicidade:

O sábio também necessitará da prosperidade externa, já que ele é um homem: pois a natureza humana não se basta plenamente pelo exercício da contemplação. É preciso também que o corpo goze de boa saúde, que receba alimento e todos os outros cuidados (LENOIR, 2016, p. 27).

Segundo o historiador e pensador contemporâneo, Leandro Karnal (2021), os estóicos diziam que existem coisas no mundo que não são passíveis de mudança, logo, não se deve e nem se pode sofrer por elas. Felicidade depende das virtudes pessoais e não do mundo, as dores do mundo são muito maiores do que as forças individuais. Tendo isso em vista, é feliz aquele que foca em mudar as coisas que estão ao seu alcance, por exemplo, a morte é inevitável, mas pode-se viver uma vida plena e de autoconhecimento, que traga felicidade enquanto existência, pois, enquanto se vive, a morte não existe e, quando a morte chega, não existe mais o ser.

À luz dos autores modernos Karnal, Pondé e Cortella (2019, p. 15), têm-se a concepção de que a felicidade não é um lugar aonde se chega, felicidade é um horizonte inatingível como forma permanente. É um desejo permanente, porém é uma circunstância provisória, ninguém é feliz o tempo todo. Quem se diz sempre feliz ainda não entendeu a sua própria existência. A felicidade é um momento de vibração intensa na vida, causando um sentimento de que valeu a pena ter vivido aquele momento.

Ainda, pode-se dizer que a possibilidade de ser feliz está relacionada à capacidade de reconhecer em si mesmo a impossibilidade da plenitude, perfeição, do bem absoluto e de identificar esse bem (KARNAL; PONDÉ; CORTELLA, 2019, p. 15).

1.2. CONCEITO DE FELICIDADE DE ACORDO COM A SOCIOLOGIA

Para o sociólogo Bauman (A FELICIDADE, 2018), as ideias de felicidade são muitas, mas podem ser remetidas a duas categorias. A visão mais popular é a de uma vida plena de momentos agradáveis, sem problemas e desafios. Ainda segundo Bauman (2018), a outra

ideia foi mostrada por Goethe. Já idoso, ele foi perguntado se a sua vida tinha sido feliz. Ele respondeu que sim, mas que não se lembrava de uma única semana em que o tivesse sido. Isso implica que ser feliz não significa não ter dificuldades, mas superá-las.

Ainda à luz de Bauman (A FELICIDADE, 2018), pode-se considerar que definir a felicidade é algo muito complexo e que deve ser conquistada, no entanto, na atual sociedade consumista, existem muitas promessas de venda da felicidade, com a premissa de que essa “compra” trará um sentimento melhor. Porém, na prática, é um pouco diferente, pois, se o mercado cumprisse essa promessa, não haveria mais nada a ser vendido e a busca cessaria.

Em sua obra “A felicidade humana”, Julián Marías (1989) discorre sobre o que é a felicidade para os seres humanos, bem como um levantamento linguístico da palavra:

Remete-nos diretamente ao que se entende quando se nomeia uma realidade; as diversas acepções de uma mesma palavra descobrem flancos ou aspectos da realidade em questão, e o fato de que se usam diversos nomes indica outros tantos pontos de vista ou perspectivas sobre essa realidade. [...] Primeiramente, as palavras que correspondem à felicidade são: dita, sorte, fortuna, beatitude, ventura, bem-aventurança, assim como seus opostos indicam realidades contrárias à felicidade: infelicidade, desgraça, desventura, má sorte, infortúnio, ou má-fortuna. Quando nos falta algo, caímos em desventura. Em segundo lugar, não há um verbo da felicidade. “Será que é porque a felicidade não é uma ação? O verbo é a forma que a expressa. Os relacionados com a felicidade formam-se com os adjetivos e o verbo ser (MARÍAS, 1989, p. 12-13).

Embora estude-se os autores modernos, filósofos antigos e medievais, há algo em comum a todos eles: a felicidade nunca é apresentada como um bem em si mesmo, já que para saber o que é felicidade deve-se conhecer o bem ou os bens que a produzem. Ela está em constante atualização, depende de culturas, épocas e de como o indivíduo encara suas próprias experiências (ABBAGNANO, 1970).

1.3. CONCEITO DE FELICIDADE DE ACORDO COM A PSICANÁLISE

Ao buscar um conceito para a felicidade segundo a psicanálise, é inevitável não nos depararmos com as palavras: prazer, desprazer e psiquismo. Para Freud (1930), em “Felicidade e Mal-estar na civilização”, o ser humano vive uma dualidade, na qual, por um lado, quer experienciar prazeres de forma profunda e, por outro lado, deseja se afastar dos sentimentos desprazerosos (FREUD, 1930 apud INADA, 2011). INADA (2011) ainda postula a concepção de que a realidade é uma inimiga e possível fonte de sofrimento.

“O que em sentido estrito se chama ‘felicidade’ corresponde à satisfação mais repentina de necessidades retidas com alto grau de êxtase e, por sua própria natureza, somente

é possível como um fenômeno episódico” (FREUD, 1930 apud INADA, 2011). Com isso, o autor faz uma reflexão que cerca a interpretação da felicidade como sendo um acontecimento extraordinário, que faz um movimento de satisfação de vontades que dominam as emoções e não se faz constante e os prazeres experienciados cobram suas dívidas, algumas dolorosas .

Não admira que, sob a pressão de todas essas possibilidades de sofrimento, os homens se tenham acostumado a moderar suas reivindicações de felicidade — tal como, na verdade, o próprio princípio do prazer, sob a influência do mundo externo, se transformou no mais modesto princípio da realidade —, que um homem pense ser ele próprio feliz, simplesmente porque escapou à infelicidade ou sobreviveu ao sofrimento, e que, em geral, a tarefa de evitar o sofrimento coloque a de obter prazer em segundo plano (FREUD, 1930, p. 50).

Com isso, fica claro que, nessa perspectiva, o afastamento do que causa dor é colocado em foco. Freud (1930) vai chamar esse tipo de possibilidade de: “felicidade da quietude” ao dizer que contra o terrível mundo externo, só podemos defender-nos por algum tipo de afastamento dele, se pretendermos solucionar a tarefa por nós mesmos.

A realidade que está posta para o indivíduo é o que Freud (1930) vai chamar de “terrível mundo externo” e essa realidade é temida e apontada como a causadora do sofrimento e para alcançar a felicidade é indicado o desligamento da realidade. Freud ainda cita a possibilidade de se recriar um mundo retirando os elementos insatisfatórios e adicionando aqueles elementos que julgamos mais satisfatórios. No entanto, alerta que essa tentativa muitas vezes não traz os benefícios imaginados e o indivíduo pode cair em loucura. Para ele, cada sujeito tem em si características paranóicas, se materializando quando o sujeito retira de sua realidade algo que ele não sustenta e no lugar introduz o desejo e o coloca como possibilidade de alcance de felicidade.

Outra forma de busca da felicidade descrita por Freud (1930) é o amor, que é comumente vivenciado por boa parte dos indivíduos e se apresenta de variadas maneiras. Uma delas é o amor sexual, no qual os indivíduos se deparam com sua primeira vivência de prazer nos primeiros instantes de vida, este se torna o primeiro caminho para alcance da felicidade. No entanto, esse caminho se apresenta como uma impossibilidade, já que é o momento no qual o sujeito está por completo desarmado contra a amargura e as consequências da perda do objeto amado acarretam infelicidade. Entretanto, essa possibilidade não se finda por completo, já que o amor pode ser um meio.

Como visto, os conceitos de felicidade possuem uma vastidão de ideias, que contemplam as mais variadas explicações, no entanto nenhuma delas é a última ou mais assertiva. Para Lenoir (2016), o imperativo da felicidade reina na contemporaneidade, que

foi começado a pensar como um fenômeno do pós-guerra, momento este em que “o direito à felicidade se tornou um dever e, conseqüentemente, um fardo”. Lenoir (2016) finaliza a ideia trazendo a possibilidade de sermos pioneiros em modelo paradoxal de sociedade, a qual Bruckner (2002) afirma que “torna pessoas infelizes por não serem felizes” (BRUCKNER, 2002 apud LENOIR, 2016).

2. REDES SOCIAIS RELACIONADAS À BUSCA PELA FELICIDADE

Com a ascensão das redes sociais e maior alcance de usuários, tais ferramentas têm tornado-se um espaço virtual onde se compartilham informações de todo tipo, desde indicações de produtos até disseminação de dicas e ideias que influenciam outras pessoas. Ao serem influenciados, os indivíduos almejam algo semelhante ao que está sendo visto, seja uma roupa, um item do dia a dia ou até mesmo a famigerada e tão procurada felicidade. Fazendo uma alusão às redes sociais, Dunker (2017) cita os *Reality Shows*, que trazem à tona o que não é comumente visto por todos, transformando-se em um verdadeiro jogo, em que a intimidade alheia é exposta e acessível a quem se interessar. Os *Reality Shows* também trazem a ideia de que qualquer sujeito pode satisfazer desejos narcísicos como “ser visto”, “estar na televisão” e “ser querido”.

Na sociedade contemporânea, o uso das redes sociais possui a *internet* como epicentro, que gerou uma forma específica de cultura que vem sendo denominada cibercultura. Tal termo pode ser definido como o conjunto de processos tecnológicos, midiáticos e sociais emergentes a partir da década de 1970, com a convergência das telecomunicações, da informática e da sociabilidade da época (CASTELLS, 1999). No contexto da chamada cibercultura, o advento dos *sites* de redes sociais data do final da década de 1990. O SixDegrees é reconhecido como o *site* pioneiro dessas redes. Nele, os usuários tiveram, pela primeira vez, a possibilidade de criar um perfil virtual que reunia registros de publicações e de contatos, viabilizando a navegação pelas redes sociais. (LEMOS; LÉVY, 2010).

Segundo dados da ONU (2007 apud COSTA; BIANCHINI, 2008) e INTERNET WORLD STATS (2007 apud COSTA; BIANCHINI, 2008), a população brasileira teve, entre 2000 e 2006, um crescimento de 9% no uso da *internet*, enquanto os 6% da população correspondentes aos internautas, que eram aproximadamente 5 milhões em 2000, passaram para aproximadamente 32 milhões em 2006, ou seja, houve um crescimento de cerca de 640%. Atualmente, no Brasil, contabilizam-se 126,9 milhões de pessoas com acesso à web

(CETIC, 2020) e conforme dados da Anatel (2020), pode-se ver o alto consumo de *internet*, contabilizando 34,3 milhões de pessoas que utilizam banda larga e 227,3 milhões que utilizam os dados através de celular. Além disso, segundo levantamentos do SPC, Serviço de Proteção ao Crédito (SPC BRASIL, 2019), contabiliza-se que 86% dos internautas, mais do que 10 milhões de brasileiros, tornaram-se novos consumidores *online* em 2018, mesmo antes da pandemia de Covid-19, totalizando 58,5 milhões de pessoas que já compraram virtualmente. Esses dados indicam que a população está optando largamente pela *internet* e pelos dispositivos móveis para realizarem suas compras.

De acordo com o The Global State of Digital (WE ARE SOCIAL, 2019), elaborado pela Hootsuite e We Are Social, cerca de 3,484 bilhões de pessoas usam redes sociais, o que representa 45% da população mundial. Quanto ao Brasil, 140 milhões de brasileiros usam ativamente as redes sociais e passam mais de 3 horas por dia conectados a elas, conforme o relatório de Hootsuite. Em Portugal, 7 milhões de portugueses usam ativamente as redes sociais e passam cerca de 2 horas por dia conectados a elas.

Para Birman (1997) quanto mais a civilização se desenvolve, mais se produzirá o mal-estar no ser humano, fato esse que é ocasionado por exigir do sujeito uma renúncia de sua pulsão, o que propicia o surgimento da culpa no indivíduo, consequentemente, o sujeito aceita o que a civilização lhe impõe, na tentativa de evitar a condição de desamparo.

O consumo de bens e serviços que prometem "satisfação total ou o investimento de volta" faz parte de um conjunto farto de "possibilidades hipermodernas" para o alcance da felicidade, termo citado por Lipovetsky (2004).

Vive-se um momento de forte "otimismo tecnológico" e avanço, que Lipovetsky e Serroy (2011) denominam de "humanismo prometeico", o qual consiste no anseio do sujeito de elevar-se sobre sua condição humana e suas tentativas de superar os limites de seu corpo e da natureza através da ciência e da técnica. Em "Tempos Hipermodernos", Lipovetsky (2004) traz as seguintes concepções sobre hipermodernidade e hipernarcisismo:

Hipermodernidade: uma sociedade liberal, caracterizada pelo movimento, pela fluidez, pela flexibilidade; indiferente como nunca antes se foi aos grandes princípios estruturantes da modernidade, que precisaram adaptar-se ao ritmo hipermoderno para não desaparecer. Hipernarcisismo: época de um Narciso que toma ares de maduro, responsável, organizado, eficiente e flexível e que, dessa maneira, rompe com o Narciso dos anos pós-modernos, hedonista e libertário. [...] Os indivíduos hipermodernos são ao mesmo tempo mais informados e mais desestruturados, mais adultos e mais instáveis, menos ideológicos e mais tributários das modas, mais abertos e mais influenciáveis, mais críticos e mais superficiais, mais céticos e menos profundos (LIPOVETSKY, 2004, p. 26).

Com isso, Lipovetsky (2004) traz, em sua concepção de hipermodernidade, uma

sociedade cada vez mais líquida, em que os sujeitos precisam se adaptar rapidamente para não serem esquecidos. Percebe-se na atualidade uma sociedade em que a tecnologia, por meio das redes sociais, possibilita que o sujeito seja visto, influencie e seja influenciado por outras pessoas e produza conteúdos. Se encaixar nesses padrões é crucial para não ser esquecido, “cancelado”, ou como disse Lipovetsky (2004, p. 26), “é preciso adaptar-se para não desaparecer.”

3. FATORES QUE INFLUENCIAM NA BUSCA PELA FELICIDADE ATRAVÉS DAS REDES SOCIAIS

Para Freud (1930), visando a realização do gozo e do prazer, o ser humano tende a procurar incessantemente por fontes de satisfação destes e a distanciar-se das diversas formas de sofrimento, evitando contato direto com situações de desprazer.

Para abordar fatores que influenciam o ser humano na busca pela felicidade através das redes sociais, Dunker (2017) faz uma reflexão sobre o exibicionismo e o narcisismo, formulando duas descrições equivalentes para cada um dos conceitos. Para o primeiro, o autor propõe que o sujeito exibicionista precisa do olhar do outro voltado para ele com a finalidade de realizar seus anseios sexuais. Ainda, afirma que essa definição não é suficiente já que, toda relação precisa do olhar do outro, algo diferente disso é atroz. Portanto, para completar a definição de exibicionismo, o autor finaliza dizendo que o exibicionismo é uma montagem possível da pulsão, cujo objeto é o prazer de ver e ser visto.

Quanto ao segundo conceito, Dunker (2017) descreve o narcisismo como um fenômeno intersubjetivo entre dois indivíduos, no qual o outro está colocado como indivíduo com a possibilidade de confirmação da beleza de Narciso. Afirma também que é por isso que o narcisismo é um sistema necessariamente instável, pois ele precisa de constantes reposicionamentos que jamais podem de fato responder à pergunta que o narcisista está fazendo, uma vez que essa pergunta está alienada ao desejo do outro.

Dunker (2017) reflete ainda sobre as redes sociais possibilitarem consequências desastrosas para o indivíduo, já que estas influenciam na rápida recolocação narcísica, ou seja, “ser visto”. Fica à livre escolha do indivíduo dar ênfase aos pontos e ângulos específicos, pelos quais o sujeito quer ser valorizado. As possibilidades de “exibição” são infinitas. No trecho abaixo, Dunker (2017) explica como ocorre:

Notemos que a relação entre prazer de ver e ser visto (exibicionismo) e o sistema de reconhecimento amoroso (narcisismo) não é direta e natural. Há várias formas

de amar e ser amado, assim como há inúmeras maneiras de fazer o olhar entrar em uma relação erótica, maneiras que vão do pornográfico, do tudo-mostrar, ao recato da ocultação calculada do olhar. O que liga os dois problemas é o que a psicanálise vai chamar de identificação. E uma identificação, como diria Lacan, é a transformação que acontece no sujeito toda vez que ele assume uma imagem (DUNKER, 2017, p. 267).

Para Dunker (2017), as redes sociais não deveriam ser utilizadas de maneira compulsória por todo e qualquer indivíduo, já que há pessoas que vão utilizar as redes sociais como um local para buscar aprovação de suas publicações, outras vão fazer uso com intuito de satisfazer suas pulsões sexuais, há ainda aqueles que a utilizam para escrever de forma biográfica. O que antes era íntimo e privado, torna-se um interessante conteúdo a ser mostrado para o outro.

Segundo Dunker (2017), ser estimado e querido pela beleza expressa através de imagens, não tem um valor verdadeiro agregado e quem a usa como identificação, em menor tempo, se perceberá no vazio.

Por fim, utilizamo-nos da afirmação apontada por Teixeira, Salomé e Moreira (2017), na qual se observa o sujeito contemporâneo e sua relação com as redes sociais, identificando que o intuito de relacionar-se e mostrar-se virtualmente pode ser uma tentativa de evitar sofrimento, porém este é acometido pelo mesmo desamparo sempre presente. Deste modo, entende-se que as redes sociais fornecem uma ilusão acerca da suspensão do desamparo, entretanto a grande oferta de felicidade, bem-estar e sucesso não passa de uma ilusão utilizada pelo ser humano com o intuito de afastar-se do desprazer e aproximar-se mais do prazer e da suposta felicidade. Contudo o que se encontra não é felicidade.

4. CONSEQUÊNCIAS ASSOCIADAS À INCESSANTE BUSCA PELA FELICIDADE

Conforme apontado por Freud (1996), em “O Mal-Estar na Civilização”, as criações humanas são extraordinárias, porém, não necessariamente elas trariam felicidade. Apesar de ser um texto antigo, pode-se trazê-lo à luz dos dias atuais considerando as redes sociais e relações *online* como uma criação do ser humano que tem o intuito de satisfação do prazer e alcance da felicidade:

Durante as últimas gerações, a humanidade efetuou um progresso extraordinário nas ciências naturais e em sua aplicação técnica, estabelecendo seu controle sobre a natureza de uma maneira jamais imaginada. [...] Contudo, parecem ter observado que o poder recentemente adquirido sobre o espaço e o tempo, a subjugação das forças da natureza, consecução de um anseio que remonta a milhares de anos, não aumentou a quantidade de satisfação prazerosa que poderiam esperar da vida e não

os tornou mais felizes (FREUD, 1996, p. 94).

No mundo *online* das redes sociais, é possível experimentar as mais variadas possibilidades de expressar-se, enquanto nas relações não virtuais, que acontecem fora da *internet*, as expressões são repletas de barreiras e impedimentos. Por mais que as redes proporcionem uma formação de vínculos saudáveis e autoconhecimento, elas também podem influenciar na manifestação de comportamentos compulsivos, sendo consequência da facilidade do anonimato e desinibição proporcionada pela *Internet* (DORNELLES, 2000 apud PEREIRA; COELHO, [s.d]).

Greenfield (2011), no que se refere ao uso da *internet*, nos diz que jamais existiu antes uma tecnologia que nos conecta socialmente e, ao mesmo tempo, nos desconecta. Ainda, acrescenta que “a tecnologia é útil, mas não deixa de ter um impacto sobre nossa saúde e bem estar” (GREENFIELD, 2011, p. 186). O autor acredita que a dependência da *internet* um dia será incluída no DSM-V, provavelmente como um transtorno compulsivo-impulsivo, sendo comuns, durante a abstinência, os sinais de ansiedade, raiva, depressão, irritabilidade e isolamento social. Como solução para diminuir esses conflitos, tendo em vista que excluir a *internet* da atualidade é impossível, o autor diz que o que se espera em um tratamento é o uso moderado e equilibrado das redes sociais.

Ainda segundo Greenfield (2011), os aspectos de dependência da *internet* ocorrem, pois os comportamentos e substâncias que geram efeitos prazerosos tendem a ser repetidos. Esse efeito de prazer seria causado pelo neurotransmissor conhecido como dopamina, que, associado ao uso de substâncias e certos comportamentos, poderia levar a dependência.

Silva e Silva (2017) afirmaram que o uso da *internet* todos os dias causa conflitos familiares, decorrentes da falta de diálogo, além disso, leva a relações superficiais, transtornos de ansiedade e déficit de atenção. Grande parte da comunicação tem sido através de redes sociais, que se tornaram um poderoso instrumento na era da sociedade da informação. Já não são comuns os costumes de antigamente, como escrever cartas ou utilizar o telefone convencional para conversar com o interlocutor.

Silva (2016) nos diz que as redes sociais se tornaram parte de nossas vidas. Na juventude, o uso da tecnologia pode tornar-se uma dependência, pois é quando os pré-julgamentos são realizados, os relacionamentos são declarados e exibidos “publicamente”, diante de pessoas que muitas vezes são conhecidas apenas no ambiente virtual.

Barbosa (2013) fala sobre a falsa sensação de ter apoio e de não haver solidão nas redes sociais *online*. A autora acrescenta que estes aspectos têm um peso de realidade para os

usuários:

Nesse contexto, as mensagens de texto, as fotos publicadas por amigos, os comentários recebidos nas próprias fotos criam uma sensação real de acompanhamento e apoio, mesmo que a distância, mesmo que virtual. Sujeitos se movem em sua vida “real”, [...] numa realidade paralela e virtual que acontece num outro tempo, e no mesmo tempo da vida rotineira. Realidades concretas e virtuais se sobrepõem e se confundem na percepção do sujeito, que pode sentir aquela virtual como contendo características importantes de “realidade”, na medida em que a percepção de companhia, de afeto, de compartilhamento de ideias e percepções de fato ocorreu, independentemente do dispositivo eletrônico que intermediou o contato (BARBOSA, 2013, p. 97).

Porém, percebe-se que esse preenchimento é apenas momentâneo. Para Lasch (1983), como forma de defender-se, o indivíduo enaltece o poder pessoal, ampliam-se as ilusões onipotentes, despreza-se o passado, valoriza-se apenas o presente e negligencia-se o futuro. Para Caniato e Nascimento (2010) o indivíduo tende a certo afastamento da realidade em troca de uma inconsciência feliz que lhe permita ter a ilusória sensação de que tudo está bem.

De acordo com Nicolaci-da-Costa (1998 apud PEREIRA; COELHO, [s.d.]), há várias características dos relacionamentos *online*, das quais se destacam duas, são elas: a) a afinidade que é traduzida em gestos e pensamentos compartilhados que traz a ideia de proximidade, mesmo estando longe; b) o anseio pela fuga da realidade, que por vezes é árdua e não satisfaz o indivíduo. Dessa forma, o autor justifica o vício nas redes sociais dando ênfase aos *chats*.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde os tempos mais antigos até os dias atuais, a busca do ser humano pela felicidade tem sido discutida por diversas ciências e filosofias. Célebres nomes se debruçaram na tentativa de delimitar e descrever esse fenômeno que é amplamente desejado. São variadas as propostas e teses, como as que dizem que a felicidade está ligada às conexões com deuses, as que dizem que consiste em mudar aquilo que está ao alcance ou que a felicidade associa-se à satisfação dos desejos pessoais. Com o passar dos séculos, as formas de buscar a felicidade percorreram as mais variadas possibilidades. Na contemporaneidade, vivencia-se a expansão da *internet*, que através das redes sociais, abriga uma ampla fonte de busca pelo prazer.

O movimento contemporâneo das redes sociais originou-se com a primeira rede social, chamada SixDegrees, possibilitando a criação de perfis, envio de convites para amigos e organização de grupos com pessoas de diversos lugares, criando novas formas de

relacionar-se. Atualmente, estima-se que 45% da população mundial faz uso de redes sociais. Estas foram aprimoradas e possuem as mais variadas ferramentas, entre elas, a possibilidade de encontrar amigos e familiares, ser visto e ver os outros, utilizar filtros que deturpam e omitem a realidade existente em cada indivíduo.

Com a ascensão das redes sociais e o rápido alcance de acesso à *Internet*, as pessoas têm se introduzido cada vez mais no ciberespaço e se perdendo com os vários objetos de satisfação, que prometem levá-las ao encontro do que falta em suas vidas. Apesar de revolucionária, essa introdução vem acompanhada de certos malefícios, como a busca exacerbada por experiências prazerosas, que pode acabar levando ao vício de estar conectado e atualizando a vida *online* com alta frequência.

As redes sociais oferecem a possibilidade de criar um espaço virtual, onde o sujeito pode censurar os elementos que causam insatisfação e deixar visível ao outro somente aquilo que o enaltece como ser, mostrando uma realidade, muitas vezes, totalmente feliz e “perfeita”, o que não condiz com o que se vive no dia a dia. Neste caso, o indivíduo tem o desejo de ser visto e admirado pelo outro com confirmação de sua beleza e potencialidades.

Porém, a instantaneidade oferecida pelas redes tem gerado uma sociedade imediatista e muitas vezes frustrada, principalmente quando seus desejos não são satisfeitos em curto prazo. Cada vez mais foca-se em prazeres momentâneos, criando ilusões de que o consumo de certos produtos garantirá a felicidade completa.

Enquanto utilizadas, as redes sociais trazem a efêmera sensação de que o desconforto ou infelicidade não estão mais presentes, porém as formas de desprazer são inevitáveis ao ser humano e se apresentarão em diversas nuances. Como o mal-estar é algo constante na civilização, o que se pode pensar para torná-lo mais suave é como tratá-lo, focar em coisas que tragam um bem-estar mais duradouro, valorizar o que é verdadeiro e saudável ao convívio consigo mesmo e utilizar as redes sociais de forma moderada e consciente. Além disso, é importante reconhecer em si mesmo a impossibilidade de alcance da plenitude, pois a busca incessante pode transformar-se em um vício repleto de malefícios à saúde mental e física.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1963.

A FELICIDADE segundo o filósofo Zygmunt Bauman. **Diário do Centro do Mundo**, 2 fev. 2018. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/a-felicidade-segundo-o-filosofo-zygmunt-bauman/>. Acesso em: 03 maio 2021.

ANATEL, Agência Nacional de Telecomunicações. **Painéis de Dados da Anatel**, 2020. Disponível em: <https://informacoes.anatel.gov.br/paineis/>. Acesso em: 03 maio 2021.

BARBOSA, Marielle Kellermann. Viver conectado, subjetividade no mundo contemporâneo. In: **Ide (São Paulo)**, São Paulo, v. 35, n. 55, p. 89-101, jan. 2013. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062013000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 maio 2021.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BIRMAN, Joel. **Estilo e modernidade em psicanálise**. São Paulo: Editora 34, 1997.

CANIATO, A. M. P.; NASCIMENTO, M. L. V. A subjetividade na sociedade de consumo: do sofrimento narcísico em tempos de excesso e privação. In: **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 62, n. 2, p. 25-37, 2010.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução por: R. V. Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CETIC. **TIC Domicílios 2019: principais resultados**. 26 maio 2020. Disponível em: https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2019_coletiva_imprensa.pdf. Acesso em: 03 maio 2021.

COSTA, P.; BIANCHINI, D. Caracterização da demanda futura de usuários da Internet no Brasil: uma contribuição para o desenvolvimento de políticas governamentais de inclusão digital e acesso a Internet. **Journal of Information Systems and Technology Management**, v. 5, n. 1, art. 8, p. 135-162, 2008.

DUNKER, Christian. **Reinvenção da intimidade: políticas do sofrimento cotidiano**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade: (a Meneceu)**. Tradução por Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: o futuro de uma ilusão, o mal estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)**. Organizado por: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. [1927-1931]

GREENFIELD, D. As propriedades de dependência do uso de internet. In: YOUNG, K. S.; ABREU, C. N. et al. **Dependência da Internet: Manual e guia de avaliação e tratamento**.

Porto Alegre: Artmed, pp. 170-190, 2011.

INADA, Jaqueline Feltrin. Felicidade e Mal-estar na civilização. In: **Revista digital AdVerbum**, v. 6, n. 1, 2011. p. 74-88. Disponível em: http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/adverbum/vol6_1/06_01_06felicidademalestarciviliz.pdf. Acesso em: 04 abr. 2021.

KARNAL, Leandro. **4 passos para buscar a felicidade | Leandro Karnal**. 15 mar. 2021. (10m32s). Disponível em: <https://youtu.be/6GA0yttuHyw>. Acesso em: 20 mar. 2021.

KARNAL, Leandro; PONDÉ, Luiz Felipe; CORTELLA, Mario Sergio. **FELICIDADE: Modos de usar**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

LASCH, C. **A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LEMOIS, André. **Cibercultura: Tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 4 ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

LEMOIS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia**. São Paulo: Paulus, 2010.

LENOIR, Frédéric. **Sobre a felicidade: uma viagem filosófica**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2016.

LIPOVETSKY, Gilles. **Tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, J. **A cultura-mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MARÍAS, Julián. **A felicidade humana**. Tradução por: Diva Ribeiro de Toledo Piza. São Paulo: Duas Cidades, 1989.

PEREIRA, Júlio Cesar Mendes; COELHO, Solange. **Relações sociais: uma leitura psicanalítica**. [s.d.] Disponível em: <http://www.pergamum.univale.br/pergamum/tcc/Relacoessociaisvirtuaisumaleiturapsicanalitica.pdf>. Acesso em: 30 de abr. 2021.

SILVA, Ana Paula Areias da. **As implicações do uso da rede social Facebook para a felicidade dos adolescentes**. 2016. 90 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Comercial) – Faculdade de Economia, Universidade do Porto, Portugal, 2016.

SILVA, Thayse de Oliveira; SILVA, Leblam Tamar Gomes. Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. In: **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 34, n. 103, p. 87-97, 2017. Acesso em: 29 abr. 2021.

SPC BRASIL. **Consumo online 2019**. Junho 2019. Disponível em: <https://www.spcbrasil.org.br/pesquisas/pesquisa/6442>. Acesso em: 03 maio 2021.

TEIXEIRA, C. F.; SALOMÉ, F. F. A. S.; MOREIRA, O. J. Her: um encontro em tempos de amores líquidos. In: LIMA, Nádia Laguárdia de; et al. **Juventude e Cultura Digital Diálogos Interdisciplinares**. Belo Horizonte: Artesã, 2017, p. 95-99, 103-104.

WE ARE SOCIAL. **Digital 2019:** essential insights into how people around the world use the internet, mobile devices, social media, and e-commerce, 2019. Disponível em: <<https://p.widencdn.net/kqy7ii/Digital2019-Report-enp>>. Acesso em: 03 maio 2021.